

PECINHA É A VOVOZINHA!

[_POR QUE ESTE TÍTULO?](#) [_MINHA PRIMEIRA CRÍTICA](#) [_UM POEMA](#)

[_OS 10 PECADOS](#)

[_QUEM SOU EU?](#) [_FALE CONOSCO](#)

[PEÇAS EM CARTAZ](#)

[PAPO DA VEZ](#)

[O QUE ANDEI VENDENDO](#)

[PENSAMENTOS](#)

PECINHA É A
VOVOZINHA!
dib carneiro neto

O QUE ANDEI VENDENDO

[☰](#) clique aqui para ler outras críticas recentes

[HOME](#)

[PEÇAS EM CARTAZ](#)

[DESTAQUES -](#)

Esses atores maravilhosos e seus personagens cativantes

BRASIL

REPORTAGENS

PAPO DA VEZ

O QUE ANDEI

VENDOU

PROGRAMAS

TEXTOS INCRÍVEIS

OUÇA ESTA

VÍDEOS

BIBLIOTECA

INSCRIÇÕES

ABERTAS

ACONTECEU NA

PRÊMIOS

PAPO DE

ASSESSORIA

RETROSPECTIVAS

PENSAMENTOS

Confira aqui os comentários críticos sobre 11 dentre as dezenas de peças infanto-juvenis que já passaram por São Paulo neste primeiro trimestre de 2018, sob o ponto de vista do talento de seus elencos

Dib Carneiro Neto

27 de março de 2018

Na atual temporada de teatro para crianças e jovens, tenho me encantado com a participação incrível de determinados atores e atrizes. Cada vez mais há grandes talentos se dedicando a esse segmento tão importante: as artes cênicas praticadas nos horários diurnos, o chamado teatro para todas as idades. Neste texto, quero falar de alguns deles, sabendo que sempre se corre o risco de deixar alguém bem legal de fora, por esquecimento, lapso ou falha de memória. Mas vamos lá. No total, são 11 espetáculos – um time completo.

*site criado e produzido por samizdat
design*



Alexandra Golik, Mauro Schames e Rennata Airoidi: jogo arrebatador de identidades e facetas, em 'Os Três Mosqueteiros'

1. Que magnífico o elenco de *Os Três Mosqueteiros*, da Cia. Viradalata, até 20 de maio no auditório do Sesc Vila Mariana. Alexandra Golik, premiada, tarimbada e sempre animada, mais uma vez desfila toda a sua verve histriônica, suas máscaras faciais divertidíssimas, seus tons de voz que brincam com as falas e as prosódias sempre na medida certa. É uma das atrizes mais completas e versáteis deste segmento em São Paulo – e mais uma vez prova isso. Desta vez, está em cena com Mauro Schames e

Rennata Airoidi, que não ficam atrás em agilidade e graça, já que os três se revezam o tempo todo em diversos personagens, num jogo arrebatador de identidades e facetas. O espetáculo é um tanto quanto palavroso e longo, pois Golik, na adaptação do clássico de Dumas, optou por não ceder às tentações fáceis do mundo de hoje, em que se celebra o imediatismo vapt-vupt, em nome da suposta falta de paciência da geração atual. Ela não facilitou no texto, mas como diretora – para não pesar demais – ‘enxertou’ brincadeiras hilárias em que os atores rompem a quarta parede, revelam o jogo de encenação, estimulam a metalinguagem e comentam as ações brechtianamente. As canções, com músicas de Gus Bernard e letras também da adaptadora/diretora, poderiam ter algum refrão mais contagiante – nenhuma delas chega a nos cativar e envolver, infelizmente. Os figurinos (Luciano Ferrari) são competentes e vistosos.



Natalia Presser e Nico Serrano, em 'Telhado de Ninguém': dupla com a química certa, talento e virtuosismo (foto: Paulo Barbuto/Divulgação)

2. Fiquei extasiado também com as interpretações da dupla Natalia Presser e Nico Serrano, em *Telhado de Ninguém*, que encerrou temporada no início de março, no Sesc Consolação. Como são bons em expressão corporal. A peça é sem texto, mas comunica muito. Puro circo-teatro, realizado com talento, criatividade, virtuosismo – graças à química entre os dois intérpretes. A direção de Mark Bromilow é acertadíssima, com ritmo, climas, nuances e uma harmoniosa relação com a música ao vivo e

a sonoplastia (Andrei Presser e Denão). É lindo ver como uma chaminé no telhado pode virar churrasqueira, televisão, máquina de lavar e até mesa de jogos. Na hora da televisão, há uma contribuição importante para o fim dos estereótipos convencionais entre masculino e feminino: ele gosta de novela e chora com o lençinho à mão e ela prefere programas de esportes. A cena da pipa também é de uma delicadeza notável. Pululam, com bom gosto, referências ao cinema mudo e aos desenhos animados. Nada cansa, em nenhum momento. Equilibrismos, acrobacias e palhaçadas de picadeiro ganham roupagens inusitadas. Há um rato (boneco) muito carismático para as crianças. Um ótimo espetáculo. Que volte em breve.



Rani Guerra e Gabi Zanola, em 'Navegar': dois talentos em destaque no numeroso elenco do espetáculo

3. No Minhocão, mais uma vez o premiado Grupo Esparrama aprontou das

suas, desta vez na companhia de integrantes da ótima Trupe Du Navô. O espetáculo, batizado de *Navegar*, foi outro desfile de bons intérpretes, artistas que dominam o improviso, a palhaçaria, o olho no olho do público. Foi um êxtase observá-los em ação, ao ar livre, debaixo de sol, cantando afinados, tirando humor de cenas simples. Um primor de direção de Iarlei Rangel. Porém, ainda que o elenco tenda para o talento homogêneo, não consigo deixar de destacar dois nomes que sempre me encantam pela técnica aliada à ingenuidade, à delicadeza, ao humor certo, ao domínio da voz e do corpo: Rani Guerra e Gabi Zanola. Que dupla, que atores, que maravilha ver os dois a cada nova atração. Sou fã de carteirinha.



Eliot Tosta, em 'Flicts', como o Amarelo: destaque pela versatilidade e carisma

4. A nova adaptação de *Flicts*, primeiro livro da carreira de Ziraldo, desta

vez assinada por Livia Gaudencio, também diretora do espetáculo, tem alguns problemas, mas, já que estamos falando de interpretações, há um coadjuvante na peça que brilha mais do que os outros, Eliot Tosta, no papel da cor amarela, do astronauta e de mais um ou outro personagem mais secundário. Sua versatilidade salta aos olhos no palco do Teatro Paulo Eiró. Na pele do Amarelo, é afetado, alegre, requebrante, saltitante. Na hora de virar o astronauta, portando um elegantíssimo macacão branco, muda a voz, o jeito de corpo, a atitude, e encanta igualmente. Convence das duas formas. Dois opostos por um mesmo ator na mesma peça. Não é todo mundo que consegue com esse nível de segurança de Eliot Tosta. O que mais me incomoda nessa versão de *Flicts* é a discrepância entre a trilha sonora e o ritmo eufórico e frenético adotado pela direção. Cada vez que entram as canções de Leo Mendonza (infelizmente gravadas, não cantadas ao vivo), parece que é outro espetáculo. A quebra de clima e ritmo é gritante. Pena. Há tempos não via uma peça com esse problema de trilha destoante da direção.



Dinho Weller, da trupe do BuZum: 'Darwin BR' lhe deu a chance de se destacar não só como

manipulador, mas como intérprete

5. Fui ver também *Darwin BR*, mais um trabalho da trupe do BuZum, desta vez encenada não dentro do ônibus, mas no palco tradicional. Vi no Teatro Cacilda Becker, mas atualmente se mudaram para o Teatro Décio de Almeida Prado, no Itaim Bibi. Os bonecos são variados em tamanhos, formas e técnicas de manipulação, encantando a plateia – marca já registrada desse grupo, que é filhote da veterana Cia. Pia Fraus. Mas me pareceu que, desta vez, para além do fascínio garantido pelos bonecos, na concepção de Beto Andretta e direção de Wanderley Piras, os atores ganharam mais chance de interpretação, mais do que apenas manipular os lindos bonecos. No dia em que eu estava na plateia, quem mais brilhou, a meu ver, foi Dinho Weller, emprestando sua voz ao cientista Darwin e seu ajudante de viagem. O naturalista Darwin caiu de amores pelas riquezas e exuberâncias da natureza tropical. Dinho tem carisma, empatia, e dá a dose certa de verdade ao personagem histórico, sem esquecer da força da imaginação, fundamental em um espetáculo como esse. Sua agilidade no palco chega a comover. O grupo tem um sistema de revezamento de atores no mesmo espetáculo, de forma que não é sempre que Dinho está nesse papel – às vezes nem participa do espetáculo, dando chance a outros intérpretes-manipuladores, como Nilton Marques, por exemplo, outro grande talento dessa trupe itinerante.



Rogério Uchoas e Gabriel Sitchin, em 'Isso é Coisa de Criança' (Truks): dois nomes que a cada peça se destacam mais na Cia

6. O mesmo caso de manipuladores que ganharam mais chance de interpretar se deu com *Isso É Coisa de Criança*, a nova atração da Cia. Truks, que recentemente encerrou uma temporada-relâmpago no Sesc Pinheiros, mas deve voltar em breve em outro palco. Gosto de todo o elenco, mas destaco Gabriel Sitchin e Rogério Uchoas, dois craques muito talentosos, que dominam a arte e a técnica do teatro de objetos inanimados, porém cada vez mais demonstram competência de atores, segurança na voz e no gestual, harmonia entre interpretação e manipulação. São dois talentos prontos para tudo, para qualquer

desafio. O espetáculo é bem tocante, pois nasceu a partir de cenas sugeridas por crianças, em oficinas prévias realizadas pelo grupo. Grande sacada é exibir, no final, cenas gravadas durante essas oficinas, mostrando ao público os momentos exatos em que cada história surgiu. Impossível não se encantar e não se emocionar.

7. Outro elenco de muito brilho neste início de ano foi o da Cia. Lúdicos de Teatro Popular, que acaba de encerrar mais uma etapa de *Piolin*, espetáculo circense de rua, que em breve estará em outras praças, provavelmente na Praça Vilaboim, em Higienópolis, a confirmar. Homenagem a um dos palhaços pioneiros e mais famosos do circo brasileiro, o espetáculo dirigido por Gira de Oliveira conseguiu uma difícil proeza no teatro feito ao ar livre: adota uma alegria melancólica, ou seja, não é nem totalmente triste nem desbragadamente eufórico. Não dizem que os palhaços são assim – escondem tristezas por trás de tanta graça? Esse é o clima da peça. Muitos acham que o teatro de rua tem a obrigação de ser feliz e contagiante. Gira, na direção geral, fez um recorte diferente, apoiado em alguns poucos dados da biografia de Piolin, como, por exemplo, o fato de ter morrido engasgado. Esse detalhe rende cenas inteligentes, nada óbvias. Cristiane Guerreiro, Gizele Panza, John Halles e Nayara Martins estão muito bem, mesclando reprises clássicas e de palhaçaria com uma cantoria linda, suave, afinada. Um elenco de causar orgulho. Faz rir, claro, mas também emociona muito.



Cristiane Guerreiro, Gizele Panza, John Halles e Nayara Martins,

o elenco de 'Piolin': teatro de rua da melhor qualidade, graças ao afinado quarteto (Foto: Manu Costa/Divulgação)



'Hoje o Escuro Vai Atrasar para que Possamos Conversar': Janaina Leite, Juliana Sanches, Ronaldo Serruya, Rodolfo Amorim e Tarita de Souza

8. Corri também para ver a estreia no gênero infantil do reputado Grupo XIX de Teatro, conhecida por sua residência artística na Vila Maria Zélia, na Zona Leste de São Paulo. O grupo adaptou um livro de Amós Oz, sobre bullying, *Nas Profundezas do Bosque*, que virou *Hoje o Escuro Vai Atrasar para que Possamos Conversar*, já um sério candidato a melhor título de espetáculo da temporada. O espetáculo é lindo, envolvente, graças ao talento de todo o elenco escalado pelos diretores Rodolfo Amorim e Luiz Fernando Marques. São eles: Janaina Leite, Juliana Sanches, Ronaldo Serruya, Rodolfo Amorim e Tarita de Souza, muito apropriadamente chamados na ficha técnica de “atores-criadores”, pela forte participação de todos eles na concepção da peça. O que me incomoda, no espetáculo, é o fato de ser tão palavroso nos momentos errados. O arremate da história é menos sugerido e muito mais verbalizado, como as antigas “lições de moral” ou “moral da história”, que

tanto marcaram o teatro para crianças ao longo das décadas passadas. A criatividade do grupo é tanta, em cenas arrebatadoras que celebram os voos de imaginação, que a gente se decepciona com o fato de não terem conseguido encerrar a fábula sem precisar ficar dizendo frases de cunho moralizante e catequético, beirando a autoajuda. É o único e decisivo 'porém' de um espetáculo sério e rico em possibilidades, que explora o espaço cênico (do CCBB-SP) em uma divertida proposta de itinerância do público.



Inesquecível trio de atrizes em 'As Três Marias': Adriele Rezende, Amanda Prieszig e Ana Carolina Marinho

9. Não posso deixar de citar também um espetáculo que vi bem no começo do ano, no Sesc Pompeia, *As Três Marias*, e que muito me arrebatou, graças ao trabalho impecável de três inesquecíveis atrizes: Adriele Rezende, Amanda Prieszig e Ana Carolina Marinho, dirigidas por João

Júnior, também assinando a dramaturgia. O trio feminino dá um banho de interpretação, com emoção o tempo todo à flor da pele, uma delicadeza mesclada a uma força atávica própria da natureza das grandes intérpretes. Embaladas por uma trilha sonora arrepiante de tão linda (a cargo do premiado diretor musical Marco França, com participação de Daniel Maia nos arranjos), Adriele, Amanda e Ana Carolina dão vida a três meninas cativantes, que moram em uma comunidade vitimada constantemente por enchentes, Maria Faminta, Maria Alegria e Maria Melancolia. São três personagens muito potentes, das quais dificilmente conseguirei me esquecer.



Joaz Campos, em 'A Operetinha do Sapato Falador': personagem passa do rabugento ao

afetivo

10. *A Operetinha do Sapato Falador*, que marca a volta de Sandra Corveloni à direção de infantis, é uma pérola encravada na vasta programação do Teatro Eva Herz, no Conjunto Nacional. Um grande achado, uma grande sacada: fazer teatro para crianças no formato/linguagem das antigas operetas, com força no lírico. É uma história muito bem contada, sem pressa, sem grandes trucagens ou 'mirabolâncias', sem querer inventar a pólvora. Apenas (!!!) uma história bem contada, o que não é pouco – e com um trunfo a mais: a grande, a magnífica, a incrível participação de um excelente ator, Joaz Campos, que simplesmente 'arrasa' na pele de um personagem velho, solitário, rabugento, que aos poucos vai se enternecendo, se rendendo à doçura e à bondade. Joaz consegue acertar o tempo todo e, depois de tanta braveza e intolerância do personagem, é surpreendente vê-lo praticando a ternura, com uma voz doce, uma atitude afetuosa. É também uma das grandes interpretações desta temporada inicial de 2018 em São Paulo.



O melhor de 'DesPrincesa' é sua atriz protagonista: Andressa Ferrarezi (Foto: Jonatas Marques/Divulgação)

11. E, por fim, como não incluir nessa lista de grandes intérpretes a atriz Andressa Ferrarezi, protagonista de *DesPrincesa*, em cartaz até o próximo domingo (Páscoa) no Centro Cultural São Paulo? Andressa faz uma garota em seu quarto, brincando com seu dinossauro de estimação. A menina é muito imaginativa, serelepe, brincalhona, dona de uma energia muito boa, um astral contagiante. A atriz dá conta com primor

dessa difícil tarefa. Já vi muita atriz fazendo meninas de forma estereotipada, forçando uma voz tatibitate. Andressa Ferrarezi, dirigida por Vera Lamy, não precisa de nada disso para nos fazer acreditar nas fantasias de sua personagem. Tem expressões faciais bem características de crianças sapecas, tem um jogo de corpo que acompanha seus humores, enfim, trata-se de outra interpretação marcante da atual temporada paulistana de teatro para crianças e jovens. Se puder, corra para vê-la em ação. E que a peça consiga novas temporadas.

 Clique e veja outras peças em cartaz